



Aspectos Discursivos e a Alteridade no Jornal Nacional¹

Vanessa Silva OLIVEIRA²

Moisés de Araújo Silva³

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

RESUMO

O objetivo deste estudo foi contribuir no conhecimento sobre a mídia brasileira e construção de sentidos para o telespectador. Faz-se necessário o cotejo de aspectos discursivos do Jornal Nacional em 2009 com os analisados em pesquisas anteriores (2001) e comparar se as estratégias atuais na construção das matérias continuam. O Corpus gravado selecionou duas matérias, dividido em enunciados e temas, viu-se que para sustentar o discurso o Jornal Nacional continua valendo-se da alteridade, ou seja, das falas dos entrevistados. Assim, através dos resultados não alterou as estratégias discursivas no período 2001-2009, utilizando-se da formação jornalística o entrevistado para passar a mensagem. A formação discursiva jornalística permite que o telejornal, aparentemente, exima-se da responsabilidade para ser “imparcial”.

PALAVRAS-CHAVE: Alteridade; Jornal Nacional; Formação Discursiva Jornalística; Telejornal

TEXTO DO TRABALHO

1. Introdução

Os estudos atuais de língua portuguesa têm sido debatidos pelos lingüistas, tanto no aspecto oral como no escrito, visando obter respostas. Considerando-se a importância da mídia na utilização das formas referidas, não podemos deixar de considerar os fenômenos concernentes a ela.

Desde o século XX o convívio com o crescimento das mídias aumentou, as quais adquiriram o papel de interação possibilitando o acesso ao conhecimento, cultura e entretenimento. A televisão tornou-se um desses veículos das *mass media* que teve maior destaque, comprovada através da audiência.

A televisão no Brasil chegou apenas nos anos 50 com Assis Chateaubriand, completando 50 anos no ano 2000. Segundo Arruda & Pitelli (1995, p.320), nesta época

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante de Graduação 6º. Semestre do Curso de Jornalismo da UEPB, email: vane.oliv@hotmail.com

³ Mestrado pela UFAL, Doutor pela UFPB e Professor da UEPB, email: sunmois@ig.com.br



a população do sudeste, residia em sua maioria, na zona rural (64%) e a minoria na zona urbana (36%). Aos poucos foi sendo introduzida nas residências e conseqüentemente a população preferiu a vida na cidade.

Segundo o anuário estatístico Brasil/Censo 90, existe no país um público médio de quatro telespectadores por aparelho. Esse quadro contribuiu para a formação de uma das quatro maiores redes de televisão do mundo, a Rede Globo de Televisão.

Propusemos, neste estudo, analisar os textos ou seqüências discursivas do telejornal ‘Jornal Nacional’, da Rede Globo de televisão, buscando na heterogeneidade discursiva uma resposta ao fenômeno da argumentação por parte deste programa em que se criou no meio jornalístico um estereótipo de ‘imparcial’.

De posse de informações, alcançadas através da classificação do corpus em unidades temáticas após a gravação e transcrição do Jornal Nacional, conseguimos atingir aos objetivos determinados. Contribuímos, dessa forma, para a área de estudos lingüísticos, desfazendo qualquer pretensão de um discurso neutro e transparente. É com base nos conceitos da Análise do Discurso de linha francesa, na perspectiva de Pêcheux, que investigamos os discursos de um telejornal de alcance nacional: o Jornal Nacional da Rede Globo de televisão.

Enfim, faz-se necessário uma compreensão dos discursos que permeiam a Formação Discursiva jornalística, que mobilizam sentidos, atingindo o público telespectador .

2. Fundamentação Teórica

2.1 Heterogeneidades no discurso jornalístico

Uma noção bastante desenvolvida pela Análise de Discurso é a de heterogeneidade enunciativa ou discursiva que vem sendo discutida há muito tempo, não só por teóricos da AD, mas também por outras teorias lingüísticas e não com o nome de heterogeneidade.

Um dos primeiros teóricos a descartar a existência do discurso monológico puro foi M. Bakhtin. Para ele, mesmo um discurso sem as formas sintáticas que correspondem à alteridade enunciativa não só é sempre uma resposta, como também exige uma resposta e outro discurso. O outro acaba sempre presente no enunciado de um sujeito, o que torna o discurso não uno, mas complexo, heterogêneo.



Authier-Revuz (1990) aproveitou essas concepções iniciais de Bakhtin e criou o termo “heterogeneidade enunciativa”, a heterogeneidade mostrada (explícita), que se divide ainda em marcada e não marcada, a heterogeneidade constitutiva (implícita).

De um lado, a heterogeneidade mostrada indica que outros discursos (discurso - outro) estão visíveis mais facilmente ao olhar do analista. Existem marcas que possibilitam a verificação e constatação da alteridade do discurso como: o uso de aspas, de itálico, de negrito no caso das formas escritas; e entonação expressiva, inclusão da fala de outrem (como ocorre na televisão) no caso das formas orais.

2.2 Discurso Direto e Discurso Indireto

Na heterogeneidade mostrada ou enunciativa. Estão inseridas as manifestações mais clássicas de discurso, a saber: o discurso indireto e o discurso direto.

Para a maioria das gramáticas normativo-prescritivas, o discurso direto se caracteriza por traduzir literalmente as falas citadas em um texto narrativo, enquanto que no discurso indireto a transposição da fala de outrem se deve à utilização de um verbo elocutório.

Contudo, para Maingueneau (1997, p.85), numa perspectiva discursiva.

O discurso direto se caracteriza pela aparição de um segundo “locutor” no enunciado atribuído a um primeiro “locutor”. Frequentemente, é oposto, de forma um pouco ingênua, ao discurso indireto, alegando que este pretende reproduzir literalmente as alocações citadas: seria mais exato ver nele uma espécie de teatralização de uma enunciação anterior e não uma similitude absoluta. Dito de outra forma, ele não é nem mais nem menos fiel que o discurso indireto, são duas estratégias diferentes empregadas para relatar uma enunciação.

Constata-se que o discurso direto não retrata fielmente as alocações citadas anteriormente por outro locutor, mas trata-se de uma prática discursiva em que um primeiro locutor escreve um segundo locutor no interior de seu enunciado.

Ainda Maingueneau (2000 p.141) acrescenta: “O DD não pode, então, ser objetivo: por mais que seja fiel, o discurso direto é sempre apenas um fragmento de texto submetido ao enunciador do discurso citante, que dispõe de múltiplos meios para lhe dar um enfoque pessoal”.

Essas afirmações se encaixam perfeitamente com o pensamento de Bakhtin (1981, p.146):

Numa situação real de diálogo, quando respondemos a um interlocutor, habitualmente não retomamos no nosso discurso as próprias palavras que ele pronunciou. Só o que fazemos em casos excepcionais: para afirmar que compreendemos corretamente, para apanhar o interlocutor com suas próprias palavras, etc.



Já o discurso indireto, Bakhtin considera como uma forma de analiticidade de autor em relação ao discurso de outrem. A sua apreensão ativa (do autor) propiciará uma análise das palavras alheias e sua posterior inserção no texto afetivo:

O emprego do discurso indireto ou de uma de suas variantes implica uma análise da enunciação simultânea ao ato de transposição e inseparável dele. Variam apenas o grau e a orientação da análise. A tendência analítica do discurso indireto manifesta-se principalmente pelo fato de que os elementos emocionais e efetivos do discurso indireto, na medida em que não são expressos no conteúdo, mas nas formas da enunciação (Bakhtin, 1981, p. 158-159).

Desse modo, verificamos que as abordagens normativo-prescritivas que tratam de discurso relatado não são apropriadas no caso de uma compreensão profunda do fenômeno da heterogeneidade mostrada em suas formas clássicas (DD, DI). Utilizaremos o conhecimento proveniente das contribuições de Bakhtin nesse campo do discurso citado.

Quanto ao discurso direto, Bakhtin (ibid 165-171) diz que ele possui mais variantes e que cada uma delas tem características muito especiais: Discurso direto preparado, Discurso citado antecipado e discriminado; Discurso direto retórico; Discurso direto substituído.

Vimos anteriormente que o discurso direto substituído consiste na substituição das palavras do herói pelas do autor. O autor toma a palavra do herói e diz o que ele eventualmente deveria ou poderia dizer. Em boa parte dos textos telejornalísticos do Jornal Nacional, ocorre exatamente o contrário. O entrevistado é quem fala o que o repórter gostaria dizer. Citando Catherine Kebrel-Otecchioni (apud Maingueneau, 1997, p.86):

Ocultar-se por trás de um terceiro “é frequentemente uma maneira hábil por ser indireta” de sugerir o que se pensa, sem necessitar responsabilizar-se por isto. Aí reside toda a ambigüidade do distanciamento, o locutor citado aparece ao mesmo tempo, como o não eu em relação ao qual o locutor se delimita, a como a “autoridade” que protege a asserção. Pode-se tanto dizer que “o que enuncia é verdade porque não sou eu que digo”, quanto a contrário.

O discurso direto passa a ser assim a palavra que autoriza a verdade de determinado enunciado. A esse tipo de discurso direto propomos denominar discurso direto substituto ou substitutivo, ou seja, aquela fala de outrem que substitui o que o repórter deveria ou poderia dizer naquele momento.

Com relação à heterogeneidade discursiva, temos a noção de interdiscurso que surgiu com a tese levantada por Pêcheux (1995, p.162) em que “toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui sua dependência com respeito ao ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas, intrincado



no complexo com dominante”. Ele é apagado pela formação discursiva, mas que ao mesmo tempo a constitui.

Para Courtine e Marandin (apud MAINGUENEAU, 1997):

O interdiscurso consiste em um processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é levada (...) a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela, com eles provocando sua redefinição e redirecionamento, suscitando, igualmente, o chamamento de seus próprios elementos para organizar sua repetição, mas também provocando, eventualmente o apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação de determinados elementos.

De fato, como afirmam Courtine e Marandin, as FD, ao incorporarem elementos pré-construídos, promovem um intrincado jogo de constituição de uns e apagamento de outros, disseminando-os ou diluindo-os. É desse modo que a heterogeneidade constitutiva é compreendida do ponto de vista discursivo.

É preciso que especifiquemos como esses conceitos nos ajudarão no desenvolvimento do estudo sobre os discursos telejornalísticos.

A primeira abordagem a ser feita remete ao caráter heterogêneo do discurso que está presente no telejornal, incidindo diretamente sobre a prática discursiva veiculada pelos noticiosos. Nesse caso, quanto aos interesses das emissoras, se estes são diferenciados, também teremos discursos diferenciados por cada emissora (discurso do TJ da Globo, TJ do SBT, TJ da Record, etc).

Quanto às formas de alteridade no telejornal, o discurso telejornalístico apreende o discurso direto com a finalidade de manter um distanciamento com a citação. A caracterização do distanciamento no discurso direto, no texto escrito, é observada através do uso de aspas que determina que o discurso é citado. Este recurso é usado com a finalidade de o locutor não assumir responsabilidade pelo que foi dito, em contrapartida, na exclusão das aspas, o locutor não deixa explícita a sua posição. No caso da televisão, esse critério de manter o afastamento ou proximidade é notado através da inserção gravada da fala.

Os discursos jornalísticos vêm retornar e fazer funcionar muitos pensamentos provenientes de filiações históricas que aí se transferem para se tornarem uma reportagem. Para isso, é necessário que a memória discursiva funcione como puro já-dito. É assim que entendemos: interdiscurso é um conjunto de todas as formulações que, ao materializarem-se efetivamente, provocam a sensação de “*deja-vu*” que constituem efeitos de sentido.



Nos programas jornalísticos, conhecemos a técnica de se valer de textos de outras mídias, ou também da mesma mídia. Por exemplo, é possível, e até frequente, que um telejornal dê a notícia da prisão de político famoso, descoberto por irregularidades denunciadas por uma determinada revista. Então, o telejornal exhibe a imagem ou trechos da matéria desta revista.

A propósito, o próprio termo mídiuim é definido por Maingueneau (2001, p.72) como “o modo de transporte e de recepção do enunciado que condiciona a própria constituição do texto, modela o gênero de discurso”.

Dessa forma, propomos definir o intermídiuim/intermídia como: Toda relação dinâmica de textos entre mídias de diversas espécies (televisão, rádio, jornal, revista, computador, internet, etc.) em que um texto exterior e anterior. Esse texto ou trecho aparentemente completo vem tornar-se apenas um elemento integrante do enunciado que o inseriu. A concepção de intermídiuim/intermídia poderia ajudar bastante ao analista do discurso que se dedique aos estudos da mídia a compreender de que forma essas técnicas entram na composição dos enunciados do repórter.

3. Metodologia

O objeto de estudo, o campo do qual foi construído um Corpus de pesquisa foi o JN da emissora Rede Globo. O Jornal Nacional foi escolhido por ser o TJ de maior audiência no Brasil, com mais de 40 milhões de telespectadores.

No período que compreende os anos de 2001 até 2003 desenvolvemos uma atividade de pesquisa concernente à obtenção do título de mestre pela UFAL¹. Assim sendo, elaboramos a coleta de Corpus de pesquisa que foi realizada do dia 18/06/2001 até 18/10/2001, em um total de 109 noticiários do Jornal Nacional e 55 do Jornal da Record.

Consistia em analisar os discursos sustentados pelo Jornal Nacional e Jornal da Record através da escola francesa de Análise de discurso pelo viés da concepção de heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva, com o intuito de compreender o processo de mobilização de sentidos no gênero telejornalístico. Para o mestrado optamos somente analisar o Jornal Nacional. Naquele estudo verificamos como o telejornal da Rede Globo recorre ao uso dos discursos direto e indireto na orientação argumentativa se propondo manter imparcial.



Dada a explicação, nosso procedimento metodológico constou de gravações do noticiário Jornal Nacional de 2009. O número de programas gravados foi suficiente para atingirmos a meta de reconhecer se o funcionamento discursivo do telejornal.

Coletamos o Corpus através da gravação dos noticiários em duas semanas, no total de 13 dias³. De posse do material coletado, efetuamos as transcrições das matérias exibidas, que estarão divididas e centradas no mesmo tema.

4. Resultados

O telejornal analisado e, assim como outros, têm posições definidas. Isto se justifica pelos profissionais da mídia se inserirem na formação discursiva jornalística. Desta forma, não poderiam se posicionar em relação aos temas abordados. É o que acontece no Jornal Nacional em que o jornalista se utiliza de entrevistados para colaborar com o favorável ou desfavorável para a empresa em que exerce sua função. E em virtude de a Análise de Discurso não se utilizar resultados quantitativos⁴. A seguir serão apresentadas, nos resultados, as análises, com o intuito de demonstrar o foi encontrado nas entrelinhas das matérias selecionadas. As matérias foram analisadas através de enunciados contínuos. Assim, seguem-se as matérias que se dividem em temas:

4.1 Saúde

Este item possui três matérias selecionadas:

[E1] Bonner - Hospital das Clínicas em São Paulo testou um método que pode substituir a laqueadura, e evitar uma gravidez para sempre sem cirurgia.

[E2] repórter Mariana Ferrão - Aos 39 anos, Neuza nunca sentiu vergonha de dizer a idade, mas ainda fica sem jeito toda vez que alguém pergunta quantos filhos ela tem.

[Neuza] “Três casais para não assustar as pessoas”

[E3] repórter Mariana Ferrão - Há nove meses ela está segura de que parou mesmo no sexto filho. Neuza é a primeira brasileira a comprovar os efeitos de um método bem mais simples de obstrução de trompas que substitui a laqueadura

⁴ Na realidade, fica o questionamento de definir o que é puramente quantitativo ou puramente qualitativo, tendo em vista que tanto em um como em outro aspecto podem ocorrer dados de ambos os critérios.



[Neuza] *“fiquei com medo como todas, de uma nova experiência, saber se iria funcionar mesmo. Mas deu certo o procedimento e eu creio que estou tranquila, resguardada. Eu não vou engravidar mais.”* [risos]

[E4] repórter Mariana Ferrão - A nova técnica, já usada em larga escala na Europa e nos Estados Unidos, é mais eficaz que a pílula, o DIU e a laqueadura tradicional.

[E5] repórter Mariana Ferrão - Com a ajuda de um aplicador e uma micro-câmera, o médico implanta duas molas de titânio. Uma em cada trompa da paciente. O dispositivo provoca uma reação no tecido, que bloqueia completamente as trompas.

[médico] *“Nós orientamos a paciente que nos primeiros três meses ela use outro método contraceptivo, porque esse é o período para que haja a obstrução, o fechamento da trompa”.*

[repórter] repórter Mariana Ferrão - O procedimento é bem rápido, demora no máximo dez minutos e pode ser feito numa consulta de rotina, num ambulatório mesmo, porque a paciente não sofre nenhum corte, nem precisa de anestesia.

[E6] repórter Mariana Ferrão - Com a adoção do novo método nos hospitais públicos, as salas de cirurgias ficariam livres para operações mais complicadas e no maior ambulatório de ginecologia da América Latina, seria a saída para acabar com a espera que pode chegar a um ano e meio.

[chefe do ambulatório de ginecologia do HC] *“Nós temos uma fila aqui para laqueadura em torno de duzentos e cinquenta, trezentas mulheres”.*

[repórter] Acabaria com a fila?

[chefe do ambulatório de ginecologia do HC] *“Acabaria com a fila imediatamente”.*

[E7] Bonner - Esse método já foi regulamentado pela ANVISA. O hospital das clínicas de São Paulo vai pedir ao ministério da saúde a inclusão da técnica nos procedimentos do SUS em toda a rede pública.



Na frase encontrada em [E1] “evitar uma gravidez para sempre” transparece o sentido de negatividade, de um mal em relação à gravidez, ou seja, a gravidez é algo indesejável pela construção da matéria. Logo, ao usar tal trecho, o jornal sugere que adotar métodos contraceptivos é evitar um mal para sempre. O dito sustenta o discurso contrário à gravidez, com o significado de não ser desejável e a laqueadura como sendo uma coisa boa. E é desta forma que o jornal se posiciona, a favor, de métodos contraceptivos, no caso do tema, a laqueadura, ao propor “o fim do mal para sempre”

O dizer em [E2] “...nunca sentiu vergonha de dizer a idade...” é pós-moderno, em defesa aos que tem mais idade. Ou seja, é o discurso da pós modernidade, em que a melhor idade promove sua auto-estima e a valorização de possuir uma idade mais avançada, ao mostrar que a vida não acabou por aí e tem-se muitos o que fazer. Por isso, a entrevistada não sente vergonha de dizer quantos anos tem. É, desta forma, que se identifica que é o discurso de promoção de inclusão social de faixas etárias mais altas. Incluindo, assim, a melhor-idade nos afazeres dos mais jovens e ao não sedentarismo que tanto era motivo de preconceito. Porém, na frase que segue no [E2] “...mas ainda fica sem jeito toda vez que alguém pergunta quantos filhos ela tem.”. A expressão “ sem jeito” transparece a imoralidade de ter muitos filhos como se tinha antigamente e a maior negatividade do mau da gravidez, se parar para sempre, melhor. A laqueadura é uma causa apoiada nesta matéria. E ainda no mesmo enunciado, o termo “Três casais para não assustar as pessoas” como uma montagem/construção discursiva colabora ainda mais com o discurso contrário a gravidez, acionada pela prática jornalística ou discurso jornalístico, para que não seja dito que tem seis filhos e ainda assim perceber o quanto a entrevistada considera imoral ter tantos filhos. Dessa forma, ajuda a não dar apoio ao bom sentido da gravidez.

Na fala do repórter no [E3] “Há nove meses ela está segura de que parou mesmo no sexto filho.” Esse discurso apresenta- se numa linguagem acessível, ao ser claro e explicando didaticamente o que a entrevistada havia dito com “três casais”. O repórter se apropria da fala, através da formação discursiva jornalística, para sustentar seu discurso. E ainda no mesmo enunciado a frase “...comprovar os efeitos de um método bem mais simples”: esta provoca uma deslizamento de sentido, em que não comprova os reais efeitos da laqueadura, mas os benefícios, que acabam com o mau com facilidade em questão de pouco tempo, pela simplicidade do método,ou seja, os efeitos não são claros e explícitos quanto os benefícios. Na fala de Neuza, ainda em [E3] “...fiquei com medo como todas, de uma nova experiência, saber se iria funcionar



mesmo. Mas deu certo o procedimento...”: o discurso comprova o benefício pela fala de Neuza (entrevistada) e não do jornalista. O efeito de sentido para o telespectador é tido como benefício e que realmente funciona rapidamente. Complementando mais a idéia, Neuza ainda expõe sua experiência e diz “Mas deu certo o procedimento e eu creio que estou tranquila, resguardada.”, assim transparece uma tranqüilidade que a livra de um mau, a gravidez.

No [E4] o discurso é científico e internacional quando cita a Europa e os Estados Unidos como referências na eficácia médica. Pela simples condição, destes serem modelos em tecnologia em diversos setores, inclusive na área de saúde. Este discurso sustenta a fala de Neuza “...com medo...mas deu certo...”, comprovando, assim, a eficácia da tecnologia a qual foi submetida. A técnica feita em “larga escala” provoca efeito de sentido em relação ao discurso industrial, como um bem que pode ser consumido e que é produzido em grande quantidade em um tempo menor.

O enunciado [E5] tem o discurso científico ao explicar o funcionamento do método cientificamente. Em que, o médico entrevistado colabora com as informações e, assim, a fala do jornalista passe a ser considerada imparcial, método próprio da formação jornalística.

O jornalista explica parte do método que complementa com a entrevista do médico. Acontece ao dar autoridade ao dizer do entrevistado, tentando eximir-se de opinião. O discurso do repórter demonstra a facilidade e benefício de uma maneira mais rápida através dos procedimentos clínicos sem precisar sentir dor. O “não sentir dor”, indubitavelmente, ajuda na argumentação de suas idéias, provocando maior ênfase na facilidade e rapidez, já citadas anteriormente.

Posteriormente, no [E6] o jornalista se utiliza do discurso político ao discorrer, mais uma vez, em sua fala as facilidades, a rapidez do método e sobre o fim das filas. Isto acontece quando sugere por trás de seus argumentos, questões, como: Por que tanta facilidade? Por que não implantar nos hospitais públicos? Por que o governo não facilita? Questiona no não dito a adoção desses métodos nos hospitais do Brasil. Ainda no mesmo enunciado, o termo “um ano e meio” utilizado pelo repórter e “duzentos e cinquenta, trezentas mulheres”, dito pelo chefe do ambulatório, não se referem a todos os hospitais públicos do Brasil. Ou seja, considera como parâmetro o Hospital das Clínicas de São Paulo - como referência de maior hospital ginecológico da América Latina e que talvez nenhum outro do Brasil teriam dados equivalentes ao hospital citado. Então, o efeito de sentido provocado nos telespectadores será de que o fim das



filas será em todo o país. No entanto, a entrevista é delimitada ao mostrar a realidade do hospital modelo do país e generalizar para o telespectador como sendo uma solução geral, em todo o país.

A frase no [E7], apresentado pelo repórter, é político ao citar a ANVISA e o SUS, como sendo órgãos governamentais. Sabe-se que são referências fortes para a nação quanto à fiscalização e como modelo de atendimento hospitalar e clínico no país, p que possibilitaria o acesso da população como um todo e não apenas como um benefício para a minoria em hospitais particulares. Desta forma, favorece o Governo Federal, ao considerá-los seguros.

Enfim, no decorrer de toda a matéria pôde-se perceber o favorecimento a tal método, como uma sugestão e uma cobrança ao governo de adotar um procedimento de alta qualidade e garantido, para que assim evite-se gravidez indesejável e diminuindo as filas em hospitais. Em suma, a parcialidade está presente, e a “imparcialidade” como disfarce.

4.2 Política

Neste item foi selecionada uma matéria:

[E08] Bonner – Sem-terra promoveram hoje protestos e invasões em sete estados e no Distrito Federal. As manifestações foram organizadas pelas mulheres da Via Campesina.

[E09] repórter Poliana Abritta - Na porta do Ministério da Agricultura, a marca deixada pelas manifestantes. Segundo a Polícia Militar, trezentas mulheres acompanhadas de crianças, invadiram o prédio hoje de manhã.

[coord. Movimento] *“O Ministério da Agricultura tem que estar a serviço da produção de comida, dar soberania alimentar e não pegar recursos públicos para o agro-negócio, para financiar as transnacionais”.*

[ministro da agricultura] *“é uma reivindicação que está fora de foco, porque os recursos necessários para a agricultura familiar estão à disposição de acordo com as solicitações do próprio Ministério de Desenvolvimento Agrário”.*

[E10] repórter Poliana Abritta - Em outros sete estados, mais protestos. No município de Branquinha em Alagoas, os Sem-terra



invadiram esta fazenda. Cortaram parte do canavial para montar barracas e plantar sementes.

repórter Poliana Abritta - Em Candiota no Rio Grande do Sul, esta fazenda do Grupo Votorantin foi invadida pela Via Campesina. As mulheres destruíram cercas e parte da plantação de eucaliptos.

repórter Poliana Abritta - No Distrito de Aracruz no Espírito Santo, as mulheres invadiram o porto de Barra do Riacho. Com tinta, gasolina, querosene e CUPINS estragaram fardos de celulose que estavam prontos para exportação. Prejuízo calculado em dois milhões de reais. Não é a primeira vez que a Aracruz é alvo da Via Campesina. Há três anos uma fazenda da empresa foi invadida no Rio Grande do Sul. As mulheres destruíram o laboratório de Pesquisas.

[E11] repórter Poliana Abritta - O caso está no Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, até hoje sem desfecho. A Via Campesina assim como o MST não tem registro formal e por isso não pode ser processada. Quem responde as ações, são os integrantes do movimento individualmente, o que dificulta a punição dos crimes cometidos quando há esse tipo de mobilização.

repórter Poliana Abritta - O Ouvidor Nacional Agrário, responsável por mediar conflitos de terra, reconhece que há impunidade e defende a ampliação da justiça especializada em questões agrárias.

“O trabalhador rural que se arma comprando uma arma de fogo, ele está fazendo isso confiando de que não vai ser punido [corte] e vai sair ileso em pagar por essa irresponsabilidade”.

[E12] Fátima – A Justiça Federal de São Paulo bloqueou hoje os bens da ANCA- Associação Nacional de Cooperação Agrícola, acusada pelo Ministério Público de repassar ilegalmente recursos federais para o MST. Segundo o Ministério Público Federal, a ANCA não comprovou a utilização de quase quatro milhões de reais destinados a projetos de alfabetização e repassou a maior parte dos recursos para os Sem-Terra.

Na sentença no [E08] é acionado o discurso político e anti- esquerda, ou seja, desfavorável aos sem-terra. Explica-se através do efeito de sentido da palavra “invasão” como sendo “entrar em algo que não é de sua propriedade sem autorização”. É o



discurso que mostra a desautorização que leva a não-obediência da regulamentação, algo sem lei. E assim, essa organização, das mulheres da Via Campesina que tem como conceito o direito a terra e direitos sociais, é considerada como desautorizada e deslegitimada pelo discurso do Jornal Nacional ao perceber o não apoio ao movimento.

Na frase no [E09] o efeito de sentido ocasionado pela palavra “marca” é de violência forçada ao local público, como algo feito erradamente por vândalos, assim o discurso é criminal. De acordo com a formação discursiva jornalística a inserção da fala da coordenadora do movimento e do ministro da agricultura, com o intuito de ouvir as duas partes. Desta forma, a entrevista da coordenadora não vai valer como reivindicação, ainda mais com a entrevista posterior do ministro da agricultura que fortalece a idéia do jornal: “fora de foco” fortalecendo e enfatizando o sentido de ilegitimidade.

Na sentença no [E10] continua o efeito de sentido da palavra “invadir”, se utilizando de outras sete ocorrências que ocorreram no país, na narração do protesto tenta-se mostrar um falso “vandalismo” em “Cortaram parte do canavial para montar barracas e plantar sementes”, e depois ao falar do Grupo Votorantim, então se presencia o discurso empresarial em defesa de empresários e mostrando o prejuízo. E a palavra “alvo” tem efeito de sentido de “algo a ser atingido ” ou “ponto de mira de alguma arma”, enfatizando a idéia de perigo dos grupos de sem-terra.

Na frase no [E11], “A Via Campesina assim como o MST não tem registro formal e por isso não pode ser processada.”, o efeito de sentido provocado é, mais uma vez fortificado, pela não legitimação de ambos os movimentos, sem caráter jurídico e ainda assim, caracteriza tais atos como criminosos, ao destacar a impunidade e a defesa da ampliação da justiça especializada em questões agrárias. E ainda assim, a formação discursiva jornalística coloca a voz do ouvidor nacional agrário, como discurso jurídico, acionando a ilegalidade das armas de fogo, o interdiscurso, algo falado em um lugar independentemente. Ao explicar, no não dito que possuir uma arma de fogo não autorizada é crime e, desta forma, dirige essa irresponsabilidade aos mesmos.

Por fim, na sentença no [E12] A palavra “ilegalmente” continua com força assim como no início da matéria. Ao repassar o dinheiro para outros projetos, desacredita e descredencia o movimento sem-terra, como sendo um problema social a ser resolvido em segundo plano. Então, o discurso da Globo, dessa forma, se demonstra que é empresarial. Considera as pessoas do movimento como “invasores” e sendo um problema social que deve ser resolvido na justiça.



Pôde-se perceber nas análises que a intenção de repassar a mensagem fica mais clara quando se percebe as técnicas da formação jornalística que divulgam informações de diversos discursos que possuem dois lados, concordar ou não, apoiar ou não. Não há indícios de imparcialidade, mas sim o uso de técnicas jornalísticas que “mostram os dois lados” se utilizando de falas ou trechos de falas de sua maneira. Desta forma, a parcialidade é perceptível, como vemos, principalmente quando palavras de cunho argumentativo provocam a sugestão de recursos do governo ou até mesmo a força da palavra invasão, em protestos dos sem terra. Por fim, a “imparcialidade” como “bandeira” dos telejornais, neste caso, o Jornal Nacional, não existe, mas sim a tentativa de fazer da melhor forma que não se perceba a parcialidade nos fatos apresentados.

5. Conclusão

Percebemos que a alteridade discursiva foi amplamente empregada nas análises realizadas, ou seja, o jornalista acionado pela formação jornalística se utiliza da inclusão de falas de outras pessoas (discurso direto ou indireto) e a partir dessa ação consegue repassar a informação isentando-se de responsabilidade pelo proposto discursivamente. Desta forma, ao utilizar o discurso direto não trata fielmente o discurso do entrevistado, por ser um fragmento estirpado. Embora construa efeitos de sentido.

No entanto, o telejornal da Globo utiliza mais o discurso direto para que dê oportunidade ao entrevistado de falar, e a partir disto passar um efeito de imparcialidade dos fatos. Então, o jornalista se isenta da responsabilidade e não expõe suas concepções sobre o tema.

Como a pesquisa também foi baseada em outros estudos feitos em 2001, pôde-se concluir que a parcialidade continua, ou seja, não existe imparcialidade. Não é um demérito do Jornal Nacional, pois não existe jornalismo imparcial. Tal afirmação se explica na medida em que isso acontece por ser próprio da formação discursiva jornalística, que se utiliza de entrevistados para sustentar a posição da emissora ou telejornal e o jornalista como sujeito da formação discursiva é acionado pela ideologia. Se Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos e todos são afetados por ela, nem mesmo o jornalista, que é sujeito de uma prática discursiva concernente a uma ideológica, escaparia a tal processo. Apesar de utilizar as estratégias aqui expostas e refletidas para parecer imparcial.

Assim, o jornalista ao atingir o telespectador com os discursos, utilizando-se de recursos para aparentar “imparcialidade”, consegue dizer o que queria, sendo parcial. Obviamente, que ao demonstrar a sua condição de assujeitamento, isso não desfavorece



de realizar um jornalismo sério e não, apenas, transparecendo os claros interesses empresariais e políticos. Portanto, é rechaçado por nós as práticas de emissoras que consideram muito mais os seus interesses ao invés de apresentar aos telespectadores uma visão mais crítica e concreta dos fatos ocorridos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Denise Lino de. **A linguagem da TV: um novo objeto para os estudos Lingüísticos**. IN: Os múltiplos usos da língua, MOURA, Denilda (org.), Maceió, Edufal, 1999.

ARAÚJO-SILVA, Moisés de Araújo. **A heterogeneidade discursiva e a mídia**. IN: Análise de discurso: das movências de sentido às nuances do redizer, LUCENA, Ivone Tavares de; OLIVEIRA, Maria Angélica de; BARBOSA, Rosemary Evaristo (Orgs.), João pessoa: Idéia, 2004.

ARAÚJO-SILVA, Moisés de Araújo. **O funcionalismo da heterogeneidade e a alteridade no discurso da rede Globo: O jornal Nacional**. 106f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2003.

ARRUDA, José Jobson de A. & PITELLI, Nelson. **Toda a história: história Geral e história do Brasil**, 3ª ed. São Paulo, Editora Ática S.A. 1995.

AUTHIER-REVUZ. Heterogeneidades enunciativas. **Cadernos de estudos lingüísticos**. Campinas: nº19: 25-42, jul./dez, 1990.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

LUCENA, Ivone Tavares. **As vestimentas do sentido no cenário discursivo da mídia**. IN: IV Encontro nacional de língua falada e escrita. Moura, Denilda (org.) Maceió. PGLL/UFAL, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 2.ed. Campinas: UNICAMP, 1993.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2ª ed. Campinas, Editora da UNICAMP, 1995.

REDE GLOBO. **História do programa**. Disponível em: <<http://www.redeglobo.com.br>>. Acesso em: 13 de out. 2002.